

8/5/98  
7296  
A crítica A6

# Álcool vira moeda nas aldeias indígenas

É preocupante o consumo de álcool por jovens indígenas de São Gabriel da Cachoeira (AM), que chegam a usá-lo nas relações de compra e venda

Síglia Regina  
Enviada especial

**SÃO GABRIEL DA CACHOEIRA** – O consumo indiscriminado de álcool tornou-se um grave problema social em São Gabriel da Cachoeira (a 858 quilômetros de Manaus), onde cerca de 95% da população é formada por indígenas ou descendentes diretos de índios. A venda de bebida alcoólica chega às aldeias e acaba substituindo o dinheiro nas relações de compra e venda. Na cidade, crianças e jovens tornaram-se consumidores de álcool.

Esse é o diagnóstico apresentado pelo conselho municipal da criança e adolescente em São Gabriel da Cachoeira, que está preocupado com a situação. Há mais de um ano a cidade não tem juiz de direito e isso dificulta a intenção de deter o alcoolismo entre menores, afirma a assistente social Cátia Marques, 41, membro do conselho da criança e adolescente.

A assistente social atende menores através de um projeto social da prefeitura local. O conselho considera que a atuação do

juiz permitiria o encaminhamento das crianças e jovens envolvidos com álcool para um atendimento sócio-educativo, além de regulamentar a venda de bebida alcoólica no município.

O consumo de álcool já envolve até crianças de oito anos, afirma o presidente do conselho da criança e adolescente, Adriano Gama, 25. Mesmo entre os jovens de maior idade, o álcool tem causado situação de dependência levando a consequências drásticas.

De acordo com Gama, 90% de todas as ocorrências policiais na cidade estão relacionadas ao álcool e a maioria dos envolvidos são menores de 21 anos. O delegado de polícia na cidade, tenente Manuel José Costa, 42, confirma o dado, informando que nos finais de semana pelo menos dez menores são detidos por causa de brigas em decorrência do álcool.

“As vezes temos de 15 a 20 pessoas detidas na delegacia por causa desse problema”, conta Costa. Ele observa que apesar de São Gabriel ser uma cidade interiorana, a delegacia já enfrenta superlotação, abrigando um número de pessoas três vezes

maior que sua capacidade, segundo o delegado.

Há um mês a cidade acompanhou uma cena patética e trágica. Um grupo de jovens disputava uma garrafa de cachaça e a competição terminou em morte de um deles, que era soldado do exército e tinha 19 anos. O jovem foi morto com pancadas. Dois jovens, LGM, 17, e LAR, 17, ficaram presos, aguardando julgamento. “Não é a primeira vez que a violência assume contornos tão banais”, informa o presidente do conselho da criança.

O conselho considera que, enquanto persistir a ausência de juiz na cidade, o problema tende a se agravar. Segundo os integrantes do conselho, como São Gabriel não tem juiz próprio, a juíza de Barcelos, cidade vizinha, deveria comparecer pelo menos uma vez por mês, mas isso não está acontecendo. “Estamos fazendo um apelo ao Tribunal de Justiça do Amazonas para que tome providências em relação a São Gabriel, para que tenhamos um juiz de direito permanente na cidade”, disse o presidente do conselho da criança e adolescente.



LGM e LAR foram presos sob a acusação de terem assassinado um colega na briga pelo álcool

## ‘Realidade social estimula o consumo’

Quando se vê meninos e meninas cambaleando bêbados pela rua, elas são vítimas de uma sociedade que não sabe cuidar de suas crianças, afirma o padre Bento Le Fevere, 54. Segundo ele, “o álcool está massacrando o futuro deste povo de São Gabriel da Cachoeira”.

Padre Bento faz a observação que em outros continentes e épocas tem sido constatada a indefesa do índio frente ao álcool. Em São Gabriel da Cachoeira, onde a maioria da população é indígena, a realidade social do município empurra para o consumo de bebida, pois os jovens não têm perspectiva imediata, e nem para o futuro, de que irão melhorar de vida, afirma o presidente do conselho da criança, Adriano Gama.

Segundo Gama, como a cachaça tem menor preço em relação à cerveja e efeito mais forte para propiciar “a fuga da realidade”, acaba tendo maior aceitação para o consumo. “O índio, culturalmente, não está acostumado ao álcool e acaba chegando ao consumo sem limites até ficar dependente”, afirma o



Padre Bento Le Fevere

advogado, Oliver Von Söhsten, 40, que assessora o conselho da criança.

A cachaça é levada em grande quantidade às aldeias pelos barcos que levam mercadorias. Segundo uma pesquisa informal feita pelo conselho da criança, cerca de 50% a 70% do carregamento dos barcos que vão para

a zona rural é de cachaça, porque serve de moeda em troca do trabalho indígena ou de produtos regionais.

“Os comerciantes e os adultos que estimulam o consumo de cachaça no município são co-autores da violência e também responsáveis pela desestruturação dos jovens envolvidos com álcool”, afirma o padre Bento.

De acordo com a lei 8.069, artigo 81, é proibido vender bebidas alcoólicas a menores de 18 anos e a lei 8.069, artigo 243, prevê detenção de seis meses a dois anos, além de multa para esses casos. Pela lei 3.688, artigo 63, é proibido vender bebidas alcoólicas a quem se acha em estado de embriaguez. A pena para essa infração pode ser de dois meses a 1 ano de prisão ou multa.

“Mas nunca ninguém foi preso aqui por vender cachaça a menores. Mesmo no caso que terminou em morte e os jovens estão presos, não existe nenhuma ação contra os co-autores do crime que venderam a bebida”, denunciou o presidente do conselho da criança.

## Disputa por bebida termina em morte

**LGM, 17 anos, conta que começou a beber aos 12 anos de idade “por curiosidade”. Ele foi entrevistado na delegacia de polícia de São Gabriel da Cachoeira e está preso, acusado de envolvimento na morte de um jovem de 19 anos, quando ele e outros colegas disputavam uma garrafa de cachaça.**

**L é órfão de pai e mãe, sabe que é descen-**

**dente de índio mas desconhece a que grupo pertence. Veio para a cidade de São Gabriel com a família quando tinha três anos de idade, e passou a morar no bairro Damaru, que em língua geral quer dizer “armadilha”. Esse bairro cresceu em decorrência do êxodo rural e é formado, em sua maioria, por pessoas que vieram do interior de São Gabriel.**

**AC – O que aconteceu para você ser preso?**

**L –** Não lembro como foi. Dizem que eu ajudei a matar, mas eu não sei. Tinha mais gente. Acho que se eu tivesse feito isso eu lembraria, não pode ser.

**AC – O que você fazia na cidade antes de ser preso?**

**L –** Eu estudava na 4ª série.

**AC – Tinha amigos, namorada?**

**L –** Tinha namorada.

**AC – Como é a sua família?**

**L –** Meu pai foi assassinado. Minha mãe morreu no parto e minha avó que me criou. Tenho

um irmão mais velho de 22 anos que veio aqui (na delegacia), mas acho que não vem mais.

**AC – Como foi para você começar a beber?**

**L –** Desde 12 anos. A gente começa assim com os colegas, por curiosidade. Começa com cerveja em festa, depois também bebi cachaça.

**AC – Você se arrepende de ter começado a beber?**

**L –** Eu não imaginava que um dia ficaria preso. Queria que meus colegas parassem de beber.

**AC – Se você sáisse, ficasse livre, o que ia fazer da sua vida?**

**L –** Acho que a primeira coisa ia ser voltar para o centro missionário (onde reúnem-se jovens para aprendizagem de atividades profissionalizantes).

**AC – O que é liberdade para você?**

**L –** Liberdade é uma coisa bonita.

**AC – Você se imaginou alguma vez assim, tão jovem, e sem liberdade?**

**L –** Não, não tinha medo de perder a liberdade.